

A METÁFORA DE FESTA NOS ROMANCES DE IVAN ÂNGELO E MARIO VARGAS LLOSA

RAÍSSA CARDOSO AMARAL¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – issa.amaral@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – alfeu.sparemberger@outlook.com*

1. INTRODUÇÃO

A proposta investigativa da dissertação, defendida em fevereiro de 2017, consistiu na análise da relação entre literatura e história nos romances *A Festa* (1976), de Ivan Ângelo e *A Festa do Bode* ([2000] 2011), de Mario Vargas Llosa. Os romances retratam, de modo geral, o período de exceção que ocorreu em países distintos: a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e a ditadura da Era Trujillo (1930-1961) na República Dominicana, respectivamente. A relevância desta pesquisa reside no fato da notável ausência de pesquisas, no âmbito da Literatura Comparada, que relacionem a representação literária da ditadura civil-militar brasileira com a ditadura dominicana. Nesse ínterim, a hipótese inicial é a de que o significado de festa aparece nas narrativas de uma forma alegórica, pois ao invés de alegria e comemoração, temos interpretações que coincidem com a representação do que as ditaduras que ocorreram na América Latina são capazes de deixar de legado: sangue, dor e traumas. Momentos históricos extremos, como é o caso de um período ditatorial, são eternizados não apenas nos documentos históricos, mas pelas páginas literárias.

2. METODOLOGIA

As pesquisas realizadas na área de literatura consistem, de modo geral, em pesquisa bibliográfica, levantamento e seleção de textos teórico-críticos pertinentes para a discussão. Desse modo, a metodologia que fundamenta esta pesquisa é a mais básica dos estudos literários, pois se realiza primordialmente pelo levantamento de fontes teórico-críticas e análise literária. Em síntese, a metodologia que viabiliza esta pesquisa é específica da área dos estudos comparados em literatura. Tania Franco Carvalhal já afirmava que se trata de “[...] uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto central, confronta-o com outras formas de expressão cultural” (CARVALHAL, 1991, p. 13).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando pensamos no que é uma festa, uma primeira ideia surge: é um espaço onde o indivíduo precisará, de certa forma, se comportar de determinada maneira e socializar com um determinado público. Uma festa funcionaria, então, como o local onde o ser humano planeja determinados atos, ou melhor, exibe “emoções ou a falta delas, dissimular ressentimentos, esconder mágoas, alardear amizades ou inimizades, ostentar riquezas e encantos – toda festa é uma ficção” (DALCASTAGNÉ, 1996, p. 45).

O experimentalismo estético transformou a narrativa de Ivan Ângelo em um enigma, pois a festa de aniversário de Roberto Miranda do ano de 1970 não é narrada na íntegra, algo que a própria estrutura dividida em “Antes da Festa” e

“Depois da Festa” já parece querer demonstrar. O leitor acompanha os bastidores, ou seja, os personagens sendo convidados e se organizando para participar da comemoração do aniversário, mas o “durante” da festa não aparece em sua plenitude: “é como se estivesse faltando uma parte, a qual, entretanto, não prejudica a integridade do relato porque sua realização como trama, como ação, é evidente naquilo que realmente faz parte da narrativa” (MACHADO, 1980, p. 54).

A festa ausente da narrativa de Ivan Ângelo, além de intencional, está relacionada com o período ditatorial que retrata, pois nos “indagamos se a festa propositalmente suprimida do romance indicaria a incompatibilidade entre celebração e repressão. É possível festejar em liberdade sob uma ditadura?” (RISSARDO, 2013, p. 16). Impossibilidade ou incompatibilidade do momento, a inexistência de um elemento que inclusive está no título da obra incomoda o leitor, pois o desloca da zona de conforto que o levaria a acreditar que, em determinadas páginas, iria encontrar a descrição da festa.

De acordo com as ideias de Brait (1995), a festa é o local de conexão entre os personagens da burguesia mineira. Compartilhando dessa ideia, Dalcastagné afirma que “A festa de aniversário é um marco, uma espécie de ponto de encontro onde se apresentariam diversas gerações, com seus dramas pessoais, suas ambições, sua estupidez” (1996, p. 62). Enquanto a classe popular está cercada no meio de uma praça de Belo Horizonte, a classe abastada estava envolvida com os preparativos para comparecer à festa. Os dois grandes blocos de personagens estavam, então, separados nos dois espaços referenciais da narrativa: o público, a Praça da Estação, e o privado, o apartamento luxuoso de Roberto Miranda.

A *Festa* demonstra, pela epígrafe, por meio das notícias censuradas de jornais, pela geração de escritores que se sentia sufocada e com bloqueio de criatividade, e também pelas duas festas de aniversário de Roberto (a primeira, colocada sob suspeita pela polícia e a segunda invadida pela polícia, em um grandioso ato de violência extrema) que naquele universo repressor não cabia local para celebração alguma, tudo era passível de investigação e de represálias, causadas na forma de dor e sofrimento. Nessa perspectiva, cabe salientar que “A força da metáfora é proporcional à quantidade e qualidade das coisas que ela for capaz de sugerir de modo sintético. Ela é tanto mais surpreendente quanto mais distantes entre si forem os elementos da comparação” (KOTHE, 1986, p. 9).

Assim como acontece com a narrativa de Ivan Ângelo, na qual muitas leituras interpretativas incidiram a respeito da metáfora de festa, não é diferente com a leitura do romance de Vargas Llosa, que nos dá sinais interpretativos a partir da imagem da capa, *Alegoría del mal gobierno* (fragmento), pois retrata um demônio, figura emblemática relacionada ao bode. O diabo, ser mitológico que se aproxima das pessoas através da sedução, vincula-se à imagem do ditador, que imaginava ser o todo-poderoso que podia dominar física e sexualmente o povo dominicano a seus pés.

A personagem Urania Cabral imaginava que iria a uma festa ofertada por Trujillo quando, na verdade, ela era o “presente” que seu pai, Agustín Cabral, numa tentativa extrema de voltar ao *Trujillato*, entrega ao ditador: “[...] Manuel Alfonso tentava ludibriá-la, para que se sentisse feliz e afortunada. Uma festa de Trujillo para ela sozinha!” (LLOSA, 2011, p. 432). Urania Cabral carrega consigo o fardo da história oficial e as consequências do período ditatorial em sua vida, isto é, as práticas destrutivas do estupro e do engano, pois ela acreditou no que seu pai havia inventado para persuadi-la a ir a “festa” de Trujillo. Ao rememorar os fatos dolorosos do estupro que lhe retirou tudo, inclusive a identidade dominicana,

Urania realiza um processo de “[...] não se esquecer do passado, mas também agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente” (GAGNEBIN, 2006, p. 55). Em ambos romances, a festa é uma metáfora do que aqueles sistemas repressores foram capazes e, portanto, é uma alegoria para os traumas, as dores, o sangue derramado que manchou festas, praças e todo e qualquer tipo de espaço.

4. CONCLUSÕES

O sentido de festa, na leitura das narrativas, funciona como uma alegoria para a compreensão dos períodos ditatoriais (o brasileiro e o dominicano). Em *A Festa*, a elite mineira, acostumada com o jogo de aparências que uma situação social como uma festa solicitava, “espaço social em que parecer ser deixa fluir o ser de cada um” (BRAIT, 1995, p. 232), é massacrada pelas forças repressoras, num momento histórico em que todo tipo de liberdade – seja ela a de expressão ou a sexual – estava vigiada pela censura. No contexto brasileiro, havia a impossibilidade de comemoração, comprovada pelas duas tentativas de Roberto Miranda que falharam: em 1970, sua festa de aniversário é colocada sob suspeita, investigada para saber se tinha relação com os acontecimentos da praça e, em 1971, a festa dos seus 30 anos é invadida pelas forças repressoras que, por onde passam, deixam como lembrança um rastro de sangue.

Da mesma maneira, pode-se considerar que o sentido metafórico de *A Festa do Bode* “era justamente a grande comemoração que “ele”, o Generalíssimo, fazia enquanto usufruía do poder e ‘brincava’ com a vida de uma nação inteira” (TAVARES, 2007, p. 166, grifos do autor). O sentido implícito de festa nas obras de Ivan Ângelo e Mario Vargas Llosa é demarcado pelo autoritarismo, isto é, são festas manchadas de sangue e violência. Elas evidenciam que as experiências traumáticas são um legado das ditaduras que ocorreram na América Latina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, Ivan. **A Festa**. São Paulo: Vertente Editora Ltda, 1976.

BRAIT, Beth. A narrativa como criação e resistência: a cumplicidade da escritura. In: ÂNGELO, Ivan. **A Festa**. Coleção Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa. Rio de Janeiro: Record, 1995.

CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. I, n.1, p. 09-21. Niterói, UFF, março, 1991.

DALCASTAGNÉ, Regina. **O espaço da dor – o regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

LLOSA, Mario Vargas. **A Festa do Bode**. [Título original: *La Fiesta del Chivo*] Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, 2011.

KOTHE, Flávio R. **A Alegoria**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MACHADO, Janete Gaspar. **Os romances brasileiros nos anos 70 – fragmentação social e estética**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.

RISSARDO, Agnes. Entre o documento e a ficção: experimentalismo, denúncia e resistência na prosa de Ivan Ângelo. In: **Revista Contemporânea – Dossiê História & Literatura**. Universidade Federal Fluminense (UFF), ano 03, n 4, vol. 02, p. 01-18, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/9_Entre_o_documento_e_a_ficcao_1.pdf> Acesso em: 10 out. 2016.

TAVARES, Carla Rosane da Silva. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. Porto Alegre: 2007. Tese de Doutorado em Literatura Comparada – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12752>> Acesso em: 10 abr. 2016.